

Por que Simondon?

A trajetória e a obra de Gilbert Simondon

Why Simondon?

The trajectory and work of Gilbert Simondon

Vincent Bontems

Pesquisador do Laboratório de Pesquisa sobre as Ciências da Matéria do Commissariado de Energia Atômica e Energias Alternativas da França (CEA). Trabalha nas áreas de epistemologia da física, filosofia das técnicas, inovação e sociologia das ciências. Fundou o Ateliê Simondon na ENS e dirige o seminário C212 na MINES Paris Tech. É membro do conselho administrativo de Cerisy-La Salle e do comitê Physique et Interrogations Fondamentales da Sociedade Francesa de Física (SFP). É autor de Bachelard, publicado pela editora Belles Lettres em 2010.

Tradução

Pedro Henrique Andrade

Mestrando em Comunicação e Cultura na Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ)

Submetido em: 20/01/2017

Aceito em: 27/03/2017

DOSSIÊ

RESUMO

De uma ontologia relacional influenciada por Bachelard à teoria dos processos de individuação e dos objetos técnicos, Gilbert Simondon criou uma obra louvada à época de sua publicação. Nem por isso, o autor deixou de ser isolado dentro do campo acadêmico onde atuava, a psicologia. O presente trabalho retraza a trajetória do filósofo e de suas teses num esforço biográfico que retoma a singularidade dos postulados sobre tecnologia e emancipação.

PALAVRAS-CHAVE: individuação, técnica, ontologia, relação.

ABSTRACT

Ranging from relational ontology to theories on individuation and technical objects, Gilbert Simondon wrote a much-praised oeuvre, which nevertheless could not prevent him from being isolated in his formal field of work – psychology. This paper retraces Simondon's life and recalls his thesis' singular postulates on technology and emancipation.

KEYWORDS: individuation, technique, ontology, relation.

As pesquisas que Gilbert Simondon (1924-1989) consagrou ao estudo da técnica são cada vez mais citadas na França e além de nossas fronteiras¹. Isso suscita espanto entre alguns, que se perguntam de onde saiu esse filósofo francês a quem tantos pesquisadores têm dado mais importância a partir de agora. O espanto é redobrado quando conhecem sua obra e medem sua originalidade e densidade: como é possível que o pensamento de Simondon tenha sido tão pouco divulgado quando ele era vivo, impondo-se apenas nos dias de hoje? É essa recepção díspar que nós desejamos esclarecer, retrazando a trajetória de Simondon² e expondo as linhas gerais de sua filosofia da técnica – esta, todavia, seria incompreensível se também não evocássemos a outra vertente de sua filosofia, que tem por objeto a individuação dos seres naturais.

1. A formação

Simondon nasceu em 2 de outubro de 1924, em Saint-Étienne. O aspecto industrial da cidade, onde estavam instaladas as fábricas da Manufatura Francesa de Armas e Bicicletas de Saint-Étienne, era um prenúncio de sua predileção pelo estudo dos objetos técnicos. Contudo, para explicar seu gosto pelo estudo das máquinas a partir de experiências precoces, é preciso lembrar também que Simondon fora bastante estimulado, através de sua rede familiar, pelo contato com máquinas agrícolas e pelas visitas que fazia às minas da região. Após concluir os estudos secundários, ao longo dos quais ele demonstra uma maior aptidão para as matérias científicas do que para as matérias literárias, Simondon decide estudar filosofia e entra, em 1934, na Escola Normal Superior (ENS ou “rua d’Ulm”), onde acompanha as aulas de filósofos renomados, como Jean Hyppolite (1907-1968) e Maurice Merleau-Ponty (1908-1961). Paralelamente, estuda física, eletrônica e mineralogia e, ao contrário de seus colegas descontentes com seus aspectos clínicos, ele se interessa bastante pelo ensino da “psicologia geral e comparada”, obrigatório no currículo dos filósofos à época. Ao final de sua formação na ENS, ele realiza o exame de

1 Um mapeamento superficial na plataforma *Web of Science* mostra que o número de artigos que citam Simondon e o número de citações de suas obras não param de aumentar desde 1995, alcançando, em 2014, a marca de 60 artigos por ano com mais de 400 citações. Também são prova desse entusiasmo pelo autor o colóquio internacional *Gilbert Simondon. Invitación a um nuevo pensamiento para las ciencias y las artes*, realizado em Buenos Aires, nos dias 25 e 26 de abril de 2013, e o curso *Gilbert Simondon & Digital Culture Workshop*, oferecido em Lüneburg, nos dias 21 e 22 de novembro do mesmo ano.

2 Uma biografia mais completa pode ser encontrada no site de Nathalie Simondon: <http://gilbert.simondon.fr/>

agregação³ de filosofia, mas obtém, além do diploma de filosofia, um diploma em psicologia. Planeja, então, escrever uma tese sobre “a polaridade em psicologia”, sob a orientação de Gaston Bachelard (1884-1962).

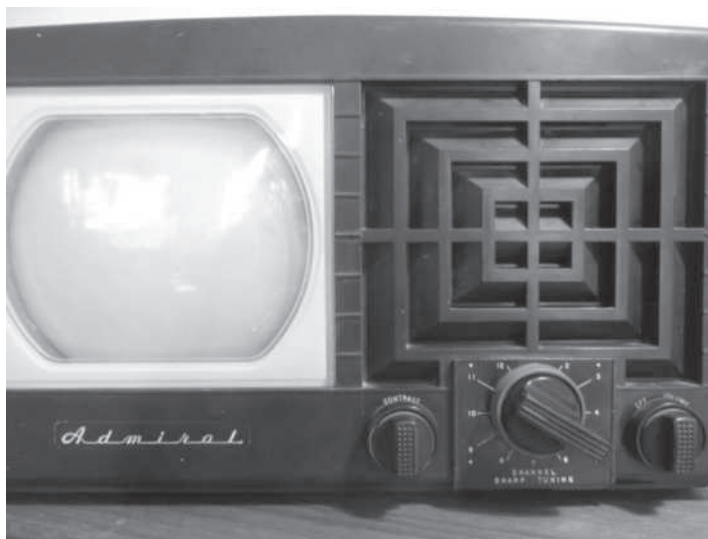
Sua filiação a esse epistemólogo merece algumas considerações mais precisas. Para Bachelard, a noção de “substância” constitui um “obstáculo epistemológico” (Bachelard, 1938), posto que a ciência não estuda coisas, antes, ela constrói, no âmago de dispositivos “fenomenológico-técnicos” (Bachelard, 1934), fenômenos cuja existência potencial é induzida pela estrutura matemática das teorias. Ao examinar outras escalas, a ciência *desubstancializa* o real e descobre a anterioridade das relações nos objetos: “*A imbricação dos objetos e de suas relações é tamanha que os próprios objetos têm de aparentar serem funções da relação*” (Bachelard 1929: 251-252). Simondon adota o “postulado do realismo da relação”, que propõe a anterioridade da relação aos termos que elas religam. Para reconstruir analogamente a ontologia (Barthélémy & Bontems 2001), esse postulado afirma também que “uma relação entre duas relações é, em si mesma, uma relação” (Simondon 2005: 26). Segundo Bachelard, a mecânica quântica impõe a complexidade do real: “Parece que os operadores da microfísica se recusam a trabalhar com um real sem estrutura ou, então, que eles reconhecem o caráter artificial dos objetos elementares propostos pela filosofia da simplicidade” (Bachelard 1937: 108). A hipótese da “pré-individualidade” introduzida por Simondon supõe justamente que a individuação tem origem num estado energético que não se reduz a elementos simples. A fase ou o ser é “mais que identidade” e “mais que unidade”, é uma superabundância de potencialidades, plena de devires divergentes. Simondon acrescenta que esses potenciais não se esgotam completamente na individuação – o que engendra uma ontologia da metaestabilidade. Como indica Jean-Hugues Barthélémy, a teoria da individuação prolonga as críticas antissubstancialistas de Bachelard, convertendo-as em uma “ontogênese” que permite recuperar a perspectiva de Henri Bergson (1859-1941) sem seu espiritualismo (Barthélémy, 2008).

2. As duas teses

Contudo, Simondon não trabalhará em contato direto com Bachelard. Em 1948, ele é nomeado

3 Concurso que dá acesso na França à carreira pública de docente dos níveis médio e superior. (N. do tradutor).

para a escola secundária de Tours, onde ensina filosofia e, eventualmente, literatura e física. Ele também cria um “laboratório de tecnologia”, onde seus alunos chegam a fabricar uma televisão. Na mesma época, o filósofo publica artigos na *Cahiers pédagogiques*.



Televisão Admiral feita com baquelite (1948).

Em 1952, ele começa a redigir suas teses. *A individuação à luz das noções de forma e de informação*, orientada por Hyppolite, analisa os regimes físico, biológico e psicossocial da ontogênese, ao passo que *Do modo de existência dos objetos técnicos*, orientada pelo herdeiro de Bachelard, Georges Canguilhem (1904-1995), aborda o processo de concretização dos objetos técnicos. Simondon as defende em 1958. A banca da tese principal tem prestígio e é transdisciplinar, com os filósofos Hyppolite, Canguilhem e Paul Ricoeur (1913-2005), o renomado sociólogo Raymond Aron (1905-1983) e o influente psicólogo experimentalista Paul Fraise (1911-1996). A ideia principal é a seguinte:

“O ser individuado não é todo o ser nem o ser primeiro; em vez de tomar a individuação a partir do ser individuado, é preciso tomar o ser individuado a partir da individuação, e a individuação a partir do ser pré-individual, distribuído segundo diversas ordens de grandeza”⁴ (Simondon 2005: 31-32)⁵.

4 Sobre as ordens de grandeza, ver Bontems, 2008.

5 Para esta citação, foi utilizada a tradução para o português feita por Pedro P. Ferreira e Francisco A. Caminati, do Grupo de Pesquisa Conhecimento, Tecnologia e Mercado (CTeMe), sediado no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da UNICAMP. Disponível em: https://cteme.files.wordpress.com/2011/05/simondon_1958_intro-lindividuation.pdf. Acesso em 27 de abril de 2017. (N. do T.)

Para compreender o ser, não é preciso supor a individualidade de cada coisa, mas tomar o processo de individuação a partir de um estado anterior do ser, do qual resulta o sistema formado pelo indivíduo e seu meio associado. A pré-individualidade não se desfaz totalmente na atualização da ligação indivíduo-meio, e o sistema permanece metaestável enquanto conservar uma energia potencial residual que torna possível outras individuações.

A primeira parte da tese explica a individuação física, cuja ilustração mais simples é um processo de cristalização: em uma solução amorfa, mas supersaturada (água-mãe), a introdução de um germe cristalino (catalisador) provoca a formação de uma estrutura que propaga a operação. A transdução é esse processo de “informação” – no sentido de “tomada de forma” – que relaciona ordens de grandeza até então incomensuráveis – aqui neste exemplo, a energia potencial da solução e as estruturas das moléculas – a uma ordem de grandeza mediana, a do cristal, por meio de um processo que se propaga de um lugar a outro. A segunda parte estende a análise ao ser vivo na medida em que a individuação biológica não intervém após a individuação física, mas *durante*, como uma suspensão de sua conclusão. O ser vivo é, de fato, o que retarda a dissipação completa de seus potenciais, permanecendo metaestável pelo maior tempo possível graças às trocas energéticas com seu meio. Da evolução, emerge um progresso “neotênico”: os seres vivos mais evoluídos são os que ficam mais tempo no estado incoativo, em que eles assimilam informação para modificar as relações internas que eles mesmos *são* em função das relações que eles têm com o meio. Esse progresso chega, por fim, aos seres vivos menos condicionados instintivamente e dotados de um psiquismo, quer dizer, sujeitos marcados por uma defasagem entre o corpo e o espírito – o que os torna capazes de ser e de se considerar como elementos ajustáveis às situações problemáticas que enfrentam. Essa capacidade de reflexão e de invenção do ser vivo só é realizada plenamente com os animais psicossociais, que adquirem uma personalidade em função das relações que eles estabelecem com os outros membros do grupo. Essa transindividualidade não se reduz, entre os humanos, à eclosão das relações intersubjetivas, pois a transindividualidade, considerada como cultura, precede ao indivíduo e constitui uma condição de sua gênese como sujeito. De tal modo que o sujeito humano é constituído por três fases: a fase pré-individual – a saber, seu vínculo (emocional) com sua natureza viva –, a fase individual – sua unidade psicossomática – e a fase transindividual, com a qual seus pensamentos e ações se integram ao âmago da cultura.

É impossível restituir a riqueza e a sutileza dessas análises, mas esse resumo nos dá uma ideia de seu alcance enciclopédico e especulativo. Merleau-Ponty assiste à defesa da tese e seu livro *O Visível e o Invisível* tende a se aproximar da perspectiva de seu ex-aluno. Simondon será convidado a apresentar seu pensamento diante da Sociedade Francesa de Filosofia (Simondon, 1960). Todavia, sua tese não seria imediatamente publicada, sendo editada apenas posteriormente e sob uma forma reduzida (Simondon, 1964) que quase não suscita reações, com a exceção da elogiosa resenha de Gilles Deleuze (2002), que retira da tese numerosos conceitos para sua própria filosofia (Sauvagnargues 2011).

Com *Do modo de existência dos objetos técnicos*, publicada no mesmo ano, será diferente⁶.

A primeira parte do texto – “Gênese e evolução dos objetos técnicos” – expõe o método da mecanologia “genética”, inspirado pelos trabalhos de André Leroi-Gourhan (1911-1986) (Leroi-Gourhan 1945)⁷. Cada linhagem técnica começa pela invenção de uma estrutura que realiza uma operação em relação com um “meio associado”. Ela é definida pelo *funcionamento* do objeto e não por sua *função*: chamamos de “motores” todos os dispositivos que produzem movimento, embora os motores a vapor, elétrico e movidos a mola não funcionem da mesma maneira; eles não pertencem à mesma linhagem e o motor movido a mola está bem mais próximo de uma besta. Essas linhagens evoluem. O objeto de partida é “abstrato” no sentido de que cada elemento intervém independentemente dos outros. Depois, uma série de melhorias e adaptações aperfeiçoam uma peça ou corrigem uma incompatibilidade. Quando esses progressos menores otimizam os elementos, diz-se que o objeto ficou “saturado”: não é mais possível aumentar suas performances em um determinado sentido sem piorá-las em outro. Para progredir, é necessária uma reconfiguração global. A distribuição espacial dos elementos e a repartição das funções entre eles são modificadas para que a organização se torne mais sinérgica e o objeto mais autocorrelato, quer dizer, mais “concreto”. A concretização se desdobra em diferentes níveis de individualidade, definidos pela relação destes com o meio associado: os elementos se integram indiferentemente a objetos diferentes; o meio associado dos indivíduos condiciona seu funcionamento; os conjuntos são dispositivos nos quais o encadeamento das operações supõe uma relativa compartimentalização. Essa classificação é trans-histórica: os sítios neolíticos são conjuntos, assim como o são uma forja, uma fábrica ou um laboratório.

6 Essa primeira edição não contém as “provas” fotográficas, que serão incluídas apenas em edições posteriores.

7 Ver Guchet, 2005.



Prova fotográfica nº 4 de MEOT (1969).

A segunda parte – “O homem e o objeto técnico” – analisa as relações com o objeto técnico, sublinhando a oposição entre um estatuto de minoridade, quando o objeto é considerado de modo utilitário, e um estatuto de maioridade, quando o homem compreende o funcionamento do objeto. Denegrado pela cultura, o objeto técnico é reabilitado por ocasião de movimentos enciclopédicos recorrentes. O enciclopedismo dos anos 1950 corresponde à cibernética de Norbert Wiener (1894-1964), que se concentra nas retroações (“feedbacks”) da informação para regular o sistema formado pelos homens e pelas máquinas. Contudo, a servidão das máquinas a fins utilitários constitui um obstáculo a essa emancipação dos homens *pela* técnica.

A terceira parte – “Essência da tecnicidade” – encara a técnica como modo de ser-no-mundo, como uma das *fases* da cultura. Simondon formula a hipótese de uma fase mágica, inicial, de apreensão do mundo que tem o caráter de uma retícula marcada por pontos-chave. Essa fase se desfaz para produzir de modo simétrico e complementar a fase técnica, que extrai figuras isoladas, operatórias e transferíveis, e a fase religiosa, que conserva o sentido da totalidade e desprende fundamentos, libertando-os das singularidades nas quais a magia os aprisionava. Essas duas fases divergentes encontram um ponto de equilíbrio com o pensamento estético, que visa restaurar o sentimento da unidade perdida do mundo mágico. A técnica aspira, então, a entender seus fracassos e corrigi-los encontrando seus próprios fundamentos, isto é, fazendo ciência, enquanto a religião busca a operacionalidade através dos ritos

e das normas. Por fim, a unidade global das defasagens, cuja coerência não está de maneira alguma assegurada, fica a cargo da filosofia, que deve exprimir o sentido da participação de cada fase na cultura.

A obra provoca um grande número de resenhas nas revistas de filosofia e de ciências humanas⁸, e algumas na imprensa de divulgação técnica, até mesmo na imprensa diária⁹. Com a tese, Simondon recebe uma medalha de bronze do Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS, na sigla em francês). As reedições – de 1969, 1989, 2001, 2012 – são prova de seu estatuto de “clássico” no ensino técnico. Os estudantes de filosofia pegam-se prescrevendo a leitura da obra na medida em que *eles também têm que refletir sobre a técnica*. Tornando-se a referência obrigatória sobre a técnica, Simondon se vê, simultaneamente, marginalizado no campo filosófico: “É essa posteridade de “pensador da técnica” que explica o fato de o autor de um projeto filosófico ambicioso, que visa à renovação profunda da ontologia, ter sido sobretudo citado em relatórios pedagógicos do ensino de filosofia e convidado para colóquios”(Combes 1999: 5). Se sua obra recebera os cumprimentos pela qualidade de seu conteúdo, é preciso assinalar que, hoje, ela também impressiona por seu alcance *crítico*, que Herbert Marcuse (1898-1979) já havia identificado (Marcuse, 1968). No texto, Simondon se distancia do marxismo, mas se opõe, primeiramente, à orientação antitecnológica vinda de Oswald Spengler (1880-1936), que ele conhece através da obra de seu discípulo nazista, Manfred Schröter (1880-1973) (Schrötter, 1934). Essa corrente reacionária, à qual se ligam Ernst Jünger (1895-1998) e Martin Heidegger (1889-1976), denuncia o progresso técnico como fator de alienação e desumanização ao mesmo tempo em que o apresenta como o destino inevitável da Humanidade. Herdeiro dos humanistas e do Iluminismo, Simondon reabilita, ao contrário, o valor cultural da técnica a fim de libertar o homem de uma alienação que deriva inicialmente de seu conhecimento equivocado da técnica.

Dessa forma, enquanto Schröter considera o “triumfo da máquina” a causa dos nossos males, Simondon mostra que as máquinas foram escravizadas e que, dessa escravidão, deriva nossa própria alienação¹⁰:

8 Resenhas foram publicadas nos periódicos: *La Revue de métaphysique et de morale*, *Les Temps modernes*, *La Revue internationale de philosophie*, *Les Études philosophiques*, *La Revue de synthèse*, *Les Cahiers de l'Institut de science économique appliquée*, *La Revue philosophique de la France et de l'étranger*, *Les Études classiques*, *L'École*, *Le Bulletin critique du livre français*, *Le Bulletin de l'université de Toulouse*, *Le Bulletin des facultés catholiques de Lyon*, e *La Nouvelle Revue théologique*.

9 Ver Bontems, 2009.

10 Ver Bontems, 2012.

“Poderíamos chamar de filosofia autocrática das técnicas a que toma o conjunto técnico como um lugar em que utilizamos as máquinas para obter potência. A máquina é somente um meio; o fim é a conquista da natureza, a domesticação das forças naturais aos modos de uma primeira servidão: a máquina é um escravo usado para fazer outros escravos” (Simondon 2012a: 176-177).

A originalidade do livro de Simondon o coloca à margem das correntes então dominantes. Além disso, a obra exige um esforço ao qual muitos filósofos não estão dispostos, qual seja: assimilar uma informação propriamente tecnológica antes de julgar o sistema técnico.

3. Carreira

Para compreender o relativo isolamento de Simondon, é necessário lembrar que o filósofo entra na Universidade de Poitiers, em 1955, na condição de *psicólogo*. Ele vai para a Sorbonne em 1963. Posteriormente, em 1965, torna-se titular da cadeira B de psicologia geral e comparada, sem dúvida porque Fraisse desejava compensar a influência da psicanalista Juliette Favez-Boutonier (1903-1994), titular da cadeira A. Simondon lota as salas de aula (Jealley 2010: 353). À época, a psicologia havia se tornado um domínio impreciso, definido mais por seus objetos do que por um método específico. Seu campo está cindido entre os clínicos e os experimentalistas. O laboratório de “psicologia geral e de tecnologia” de Simondon é certamente singular – a presença de um motor de dois cavalos intriga os visitantes, mas se insere em um campo já heterogêneo. É aí que Simondon desenvolve um ambicioso programa de pesquisa e publica, com a ajuda de estudantes e assistentes, suas sínteses sobre as noções principais, que incorporam informações da psicologia, mas também da fisiologia, da etologia e da tecnologia.

Uma aula de 1960 chama atenção: “Psicossociologia da tecnicidade” (Simondon 2014: 27-130). Com o curso, Simondon conclui a abordagem mecanológica tratando da inserção do objeto técnico no meio social e cultural. A primeira parte estuda as relações entre grupos sociais e objetos de uso. Ela coloca em evidência que os objetos são percebidos em função de um “halo” psicossocial de opiniões, de esquemas e de motivação. A segunda parte analisa a historicidade dos objetos em função do

progresso técnico. Este tende à padronização dos elementos, ao agrupamento dos objetos com a rede e à purificação das redes. Ao nível dos objetos, superpõe-se uma “supra-historicidade” que acelera o ritmo do consumo. A obsolescência cultural não é criticada como desperdício ou como estupidez, mas como um *mal*. A terceira parte assinala que as realidades técnicas são determinadas por ressonâncias com outras fases da cultura, em particular com a fase religiosa.

Dessa aula, surgirão empreitadas importantes. Mas a partir de 1968, a evolução da disciplina vai desvalorizá-las e desestabilizar Simondon. A dimensão filosófica de seu trabalho se torna uma desvantagem quando a psicologia se emancipa fechando-se em paradigmas estreitos. Em 1968, a obrigatoriedade das disciplinas de psicologia é eliminada para os estudantes de filosofia, desertificando o terreno onde ele recrutava seus discípulos. Seus colegas experimentalistas adotam uma postura behaviorista, o que acentua o conflito com outros tipos acadêmicos – clínicos, psicanalistas etc. – e os torna hostis à concepção enciclopédica que Simondon defendia. Por outro lado, ele também teria dificuldades em lidar com o questionamento da autoridade professoral que se segue aos acontecimentos de maio de 68. Suas relações com Fraisse acabam se degradando e, por fim, Simondon decide investir no estudo das técnicas. O fato desencadeador parece ter sido a visita do pesquisador quebequense Jean Le Moyne, que grava uma entrevista com Simondon¹¹.



Imagem do filme Entrevista sobre a mecanologia (1968).

Por ocasião desse encontro, Le Moyne faz Simondon tomar conhecimento da existência do livro *Reflexões sobre a ciência das máquinas* (1932), de Jacques Lafitte (1884-1966). A obra introduz as noções de mecanologia e linhagem técnica. Sua leitura incita Simondon a transformar sua própria classificação das máquinas. As aulas do biênio 1968-1969 sobre “a invenção e o desenvolvimento das técnicas” se

¹¹ Revisado pelo autor, o texto foi publicado no 1º número da *Revue de synthèse* (Simondon, 2009, p.106-132) e reproduzido posteriormente em outra edição de *Sur la Technique* (Simondon, 2014).

inserem, assim, na distinção entre as máquinas “passivas” – que visam à estabilidade, à arquitetura –, as máquinas “ativas” – que otimizam o rendimento energético – e as máquinas de “informação” – que garantem a fidelidade da transmissão da informação. Cada tipo se desdobra em níveis elementares, médios e superiores, que designam relações entre ordens de grandeza. Essa classificação não apenas seria mais detalhada, como também mais adaptada à análise dos sistemas complexos e das evoluções em curso, pois ela aponta para a crescente importância das redes e das tecnologias da informação.



Aula na Universidade de Tecnologia de Compiègne (1981).

O ano de 1976 marca o fim desse período fastuoso e o começo de graves problemas de saúde que tornariam os últimos anos de sua vida obscuros. Ele se aposenta em 1983 e falece em 1989. Em 1982, em resposta a uma correspondência do Collège International de Philosophie, Simondon escreve uma carta a Jaques Derrida (1930-2004) e redige também suas reflexões “sobre a tecno-estética”. Publicado primeiramente sem o consentimento dos portadores dos direitos autorais, esse texto elabora uma tecno-estética que rompe com o modelo da contemplação passiva da obra de arte (Carrozzini, 2011a). Seu último artigo aborda a ética das técnicas (Simondon, 1983) considerada em três tempos: no presente, como redução da poluição; no futuro, como antecipação da finitude dos recursos energéticos; e no passado, como recuperação das tecnologias antigas para reconvertê-las ou conservá-las como testemunhos de progressos passados. O todo se inscreve numa ética da “reciclagem”. A corrente ecologista é elogiada

por sua tomada de consciência sobre a inserção cósmica da humanidade e, ao mesmo tempo, criticada por seu antitecnicismo às vezes dogmático. A ecologia tem de ser considerada através de relações éticas com o ambiente natural, social e artificial (Bontems, 2015). Em 1989, Simondon terá a satisfação de finalmente ver publicada o fim de sua tese principal: *A individuação psíquica e coletiva*.

4. A posteridade

Autor de uma obra louvada, mas logo catalogada como “especializada”, tendo publicado bastante, mas em revistas confidenciais, inserido no seio de uma disciplina cuja legitimação impunha uma rejeição da filosofia à qual ele não podia ceder, reconhecido como um pensador da mais alta importância somente entre os francófonos, sem jamais ter conseguido comunicar o cerne teórico de sua reflexão, desbravando perspectivas futuras frequentemente com décadas de antecedência, Simondon não encontrou sucesso enquanto vivo, mas seu pensamento recebe agora uma difusão póstuma.

Após um número especial da *Cahiers philosophiques*¹², são as atas de um colóquio organizado em 1992 por Gilles Châtelet – com a ajuda de Michel Simondon – que despertam o interesse acadêmico por Simondon. Na mesma época, Gilbert Hottois publica um livro sobre a cultura técnica segundo Simondon (Hottois, 1993). Posteriormente, Muriel Combes (Combes, 1999) apresenta muitos leitores ao seu pensamento pelo ângulo político. Os “deleuzianos” buscam saber mais dessa referência de seu autor-fetichê, e os filósofos da técnica – particularmente Bernard Stiegler – assinalam a pertinência da obra de Simondon. Ele volta a ser a última moda. As obras são republicadas e, no limiar do século XXI, trabalhos coletivos são dedicados ao filósofo (Roux, 2002).

Uma segunda onda de interesse é induzida por esforços obstinados de Barthélémy, que analisa a coerência dos problemas e o alcance decisivo das duas teses. Em 2005, quando a tese principal de Simondon é finalmente publicada na íntegra, ele publica duas obras (Barthélémy, 2005: 2005b) que oferecem, pela primeira vez, uma visão de conjunto aprofundada. O mesmo autor dirigirá um número da *Revue philosophique*¹³, publicará uma introdução sintética (Simondon, 2008) e, em 2009,

12 *Cahiers philosophiques*, n°43, 1990.

13 *Revue philosophique*, n°3, 2006.

fundará a *Cahiers Simondon*¹⁴, alguns anos antes de escrever uma excelente monografia sobre o filósofo (Barthélémy, 2014). Outros pesquisadores se dedicaram principalmente à vertente tecnológica da obra: Xavier Guchet (Guchet, 2005 e 2010) et Vincent Bontems. Este último cria na ENS, com Giovanni Carrozzini, um grupo de pesquisa, o Ateliê Simondon, onde se concentram pesquisadores e estudantes que se interessam pelo valor operatório dos conceitos. Ao mesmo tempo, numerosos textos inéditos ou que se acreditavam perdidos são editados graças aos esforços de Nathalie Simondon. Desde 2009, não passa um semestre sem que um livro ou revista sobre Simondon não seja publicado. Ele se impôs na França como uma figura central.

Para além do campo francófono, é sobretudo a partir dos anos 2010 que aparecem as traduções e os trabalhos de qualidade – o que Dominique Lecourt chama, com humor, de “simondialização” – na Itália, com Carrozzini (Carrozzini, 2006 e 2011b) e Andrea Bardin (Bardin, 2010); na América Latina, com publicações principalmente na Argentina e no Brasil; e agora, na Ásia, com traduções chinesas, coreanas e japonesas. Essa movimentação levou à realização, em agosto de 2013, do ciclo¹⁵ de Cerisy-la-Salle, organizada por Barthélémy e Bontems sob o nome “Gilbert Simondon e a invenção do futuro”. O encontro reuniu pesquisadores vindos da Inglaterra, Argentina, Bélgica, Canadá, Estados Unidos, França, Itália, Japão, Peru, República Tcheca, Rússia, Taiwan e Tunísia – os organizadores lamentaram que os pesquisadores alemães¹⁶ não tenham podido participar. Esperamos que a publicação dos anais seja um marco para os estudos simondonianos (Bontems, 2016). A recente tradução de *Do modo de existência dos objetos técnicos* para o alemão, feita por Michael Cuntz¹⁷, e para o inglês, por Cecilia Malaspina¹⁸, soam como um prenúncio de um aumento das contribuições anglo-saxãs. Para facilitar a circulação de ideias, Barthélémy criou o Centro Internacional de Estudos Simondonianos (CIdES) em 2014¹⁹.

14 Revista que Barthélémy dirige até hoje.

15 No original, Bontems usa o termo “décade”, que não encontra correspondente adequado no português corrente e que informa sobre a duração do evento – o ciclo de Cerisy-la-Salle aconteceu ao longo de dez dias, de 5 a 15 de agosto de 2013. (N. do T.)

16 Por exemplo, Henning Schmidgen. Ver Schmidgen, 2012.

17 (Simondon, 2012b).

18 (Simondon, 2016).

19 Para mais informações, acesse: <http://www.mshparisnord.fr/cides/>.



Para retornar ao questionamento inicial, cabe perguntar: por que Simondon é tão importante hoje? Nossa resposta é necessariamente enviesada por conta de nossa participação em sua redescoberta, mas nos parece que é preciso citar ao menos três fatores:

1. O prazer de filosofar em ressonância com o presente, isto é, de não apenas comentar os textos, mas de amplificar seus potenciais. Simondon parece aos olhos dos pesquisadores da geração jovem uma encruzilhada, na qual eles trabalham juntos rumo a um sistema aberto.
2. A ambição de um novo enciclopedismo. Para além da filosofia, a atração da obra está certamente associada à sua potência e ao seu rigor analógicos: pesquisadores em ciências da natureza ou ciências sociais, engenheiros, designers, arquitetos, cientistas da computação, artistas etc., encontram nela um ponto de encontro e um meio para refletir coletivamente.
3. Reabilitar um horizonte técnico-ecológico. Simondon encontra neste momento condições de

recepção favoráveis porque seu pensamento reintegra a técnica à cultura e, assim, coloca a tecnologia no centro da reflexão sobre a atual crise do progresso, de energia e do clima – e o faz ajudando a repensar a relação do homem com seu meio através das redes (Bontems, 2015).

Certamente, deve-se temer que o simondonismo de fachada, confuso ou rígido, termine por esfacelar seus conceitos. Mas está claro que a obra está longe de ser esgotada. Simondon escrevera que o desaparecimento do indivíduo não significava o fim de sua existência como sujeito: “Na hora em que um ser morre, sua atividade está inacabada, e podemos dizer que ela permanecerá inacabada tanto quanto subsistam seres individuais capazes de reatualizar essa ausência ativa, semente de consciência e ação” (Simondon 2005: 250). E acrescenta, a respeito do devir de uma obra: “A segunda individuação, a do coletivo e do espírito, faz nascer significados transindividuais que não morrem com os indivíduos através dos quais eles se constituíram” (Simondon 2005: 311).

Referências bibliográficas

- Bachelard, Gaston. *La Valeur inductive de la relativité*. Paris: Vrin, 1929.
- _____. *L'Expérience de l'espace dans la physique contemporaine*. Paris: PUF, 1937.
- _____. *La Formation de l'esprit scientifique*. Paris: Vrin, 1938.
- _____. *Le Nouvel Esprit scientifique*. Paris: PUF, 1934.
- Bardin, Andrea. *Epistemologia e politica in Gilbert Simondon*. Valdagno: Fuori Registro, 2010.
- Barthélémy, Jean-Hugues. *Penser l'individuation. Simondon et la philosophie de la nature*. Paris: L'Harmattan, 2005a.
- _____. *Penser la connaissance et la technique après Simondon*. Paris: L'Harmattan, 2005b.
- _____. *Simondon ou l'Encyclopédisme génétique*. Paris: PUF, 2008.
- _____. *Simondon*. Paris: Les Belles Lettres, 2014.
- Barthélémy J.-H, Bontems, Vincent. «Relativité et réalité. Nottale, Simondon et le réalisme des relations». In: *Revue de Synthèse*, n°1, p. 27-54.
- Bontems, V. «Quelques éléments pour une épistémologie des relations d'échelle». In: *Appareil*, n°2, 2008.
- _____. «Actualité d'une philosophie des machines. Simondon, les hadrons et les nanotechnologies». In: *Revue de synthèse*, n°1, 2009, p. 37-66.
- _____. "Esclaves et machines, même combat ! L'aliénation selon Marx et Simondon". In: *Cahiers Simondon*, n°5, 2012, p. 9-24.
- _____. «Gilbert Simondon (1924-1989)». In: Bourg, D. e Papaux, A. (ed.). *Dictionnaire de la pensée écologique*. Paris: PUF, 2015.
- _____. (ed.). *Gilbert Simondon ou l'Invention du futur*. Paris: Klincksieck, 2016.
- Carrozzini, Giovanni. *Gilbert Simondon: per un'assiomatica dei sapieri*. Lecce: Manni Editori, 2006.
- _____. «Esthétique et techno-esthétique chez Simondon». In: *Cahiers Simondon*, n°3, 2011a, p. 51-70.
- _____. *Gilbert Simondon filosofo de la mentalité technique*. Milan: Mimesis, 2011b.
- Châtelet, Gilles (ed.). *Gilbert Simondon. Une pensée de l'individuation et de la technique*. Paris: Albin Michel, 1994.
- Combes, Muriel. *Simondon, individu et collectivité*. Paris: PUF, 1999.
- Deleuze, Gilles. «Gilbert Simondon. L'Individu et sa Genèse physico-biologique». In: *L'Île déserte et autres*

textes. Paris: Minuit, 2012.

Guchet, Xavier. *Les Sens de l'évolution technique*. Paris: Léo Scheer, 2005.

_____. *Pour un Humanisme technologi*. Paris: PUF, 2010.

Hottois, Gilbert. *Simondon et la Philosophie de la «culture technique»*. Bruxelles: De Boeck University, 1993.

Jalley, Émile. *Un Franc-Comtois à Paris : un berger du Jura devenu universitaire*. Paris: L'Harmattan, 2010.

Lafitte, Jacques. *Réflexions sur la science des machines*. Paris: Bloud & Gay, 1932.

Leroi-Gourhan, André. *Milieu et Techniques*. Paris: Albin Michel, 1945.

Marcuse, Herbert. *L'Homme unidimensionnel. Études sur l'idéologie de la société industrielle*. Paris: Minuit, 1968.

Roux, Jacques (ed.). *Simondon. Une pensée opérative*. Saint-Etienne: PUST, 2002.

Sauvagnargues, Anne. "Simondon et la construction de l'empirisme transcendantal". In: *Cahiers Simondon*, n°3, 2011, p. 7-30.

Schmidgen, Henning. „Inside the Black Box: Simondon's Politics of Technology". In: *Substance*, n°3, 2012, p. 1631.

Schröter M. *Philosophie der Technik*. Berlin: Oldenbuch, 1934.

Simondon, Gilbert. "Forme, information, potentiels. Séance du 27 février 1960". In: *Bulletin de la Société française de philosophie*, n°4, 1960, p. 10-188.

_____. *L'Individu et sa Genèse physico-biologique*. Paris: PUF, 1964.

_____. «Trois perspectives pour une réflexion sur l'éthique et la technique». In:

Hottois G. (ed.). *Éthique et Technique*. Bruxelles: Éditions de l'Université de Bruxelles, 1983, p. 107-118.

_____. *L'Individuation psychique et collective*. Paris: Aubier, 1989.

_____. *L'Individuation à la lumière des notions de forme et d'information*. Paris: PUF, 2005.

_____. «Entretien sur la mécanologie». In: *Revue de synthèse*, n°1, p. 106-132.

_____. *Du Mode d'existence des objets techniques*. Paris: Aubier, 2012a.

_____. *Die Existenzweise technischer Objekte*. Zürich: Diaphanes Verlag, 2012b.

_____. *Sur la Technique*. Paris: PUF, 2014.

_____. *On the Mode of Existence of Technical Objects*. Minneapolis: Univocal Publishing, 2016.